

Uma etnografia do Festival Paytunaré em Monte Alegre-PA

Comunicação Oral

Carla Adriana Costa de Mesquita
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
carla.mesquita@aluno.uepa.br

Tainá Maria Magalhães Façanha
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
taina.facanha@uepa.br

Resumo: Esta pesquisa objetivou descrever como ocorre a transmissão cultural no Festival Paytunaré do Colégio Estadual de Ensino Médio Prefeito Carim Melém, em Monte Alegre (PA). Consistiu em uma pesquisa etnográfica (SEEGGER, 2008) por meio de observação participante com enfoque em como as pessoas fazem e pensam música no referido contexto. Foi possível compreender que a transmissão cultural ocorre desde concepção do Festival, conscientização da preservação cultural da cultura local, até a realização da performance propriamente dita. Tais questões permeiam a organização do Festival e, também, o ambiente escolar, pois são dimensões que estruturam a reprodução anual do Festival com objetivo de manutenção da tradição, tanto que ao longo dos anos o Festival opta por manter a sua essência original da lenda retratando a cultura local. Além do festival ser um meio de transmissão musical, ele apresenta fatores da cultura local, apresenta a música dentro do contexto escolar como um ponto de ensino de forma indireta e apresenta a música sendo gerativa de cultura. Assim, o festival torna-se um ambiente de prática musical e precursor de cultura local.

Palavras-chave: Festival Paytunaré. Cultura. Educação Musical.

I. Introdução

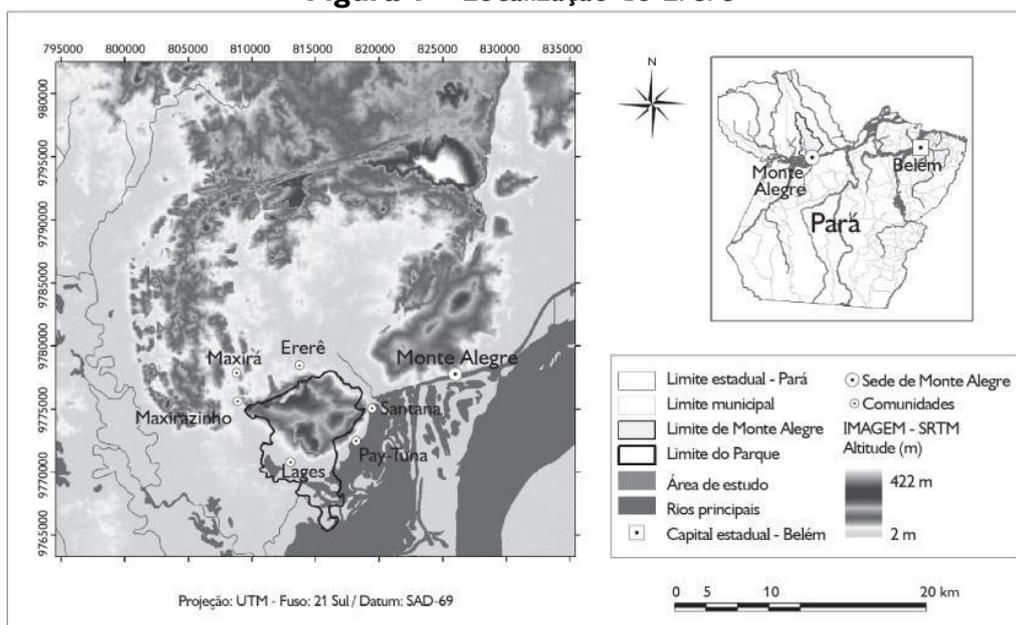
Este trabalho descreve como ocorre a transmissão de saberes no Festival Paytunaré do Colégio Estadual de Ensino Médio Prefeito Carim Melém, em Monte Alegre – PA. Para pensar essa pesquisa foi fundamental alargar o conceito de música para compreensão de muitos processos que envolvem o fazer musical. A organização do som e a pluralidade de elementos que compõem o fazer musical por vezes não são compreendidos como apenas

oriundos do som, mas especialmente por sua capacidade gerar estruturas que vão além de seus aspectos estritamente sonoros (CHADA, 2007).

O Festival é um evento cultural que ocorre no âmbito escolar baseado na lenda do Pahy-Tunaré que narra a história de um índio que nasceu em uma aldeia onde poderia existir apenas um índio homem. Ao longo dos anos a lenda sofreu diversas adaptações, sendo introduzidos novos roteiros de acordo com a história original. É considerado uma tradição do município de Monte Alegre-PA e a comunidade escolar se conecta com o evento, visto que o festival conta a história dos seus antepassados e vem influenciando tanto aspectos educacionais como sociais e abrindo as portas para a comunidade local vivenciar o espaço escolar proporcionando engajamento da sociedade e da escola. O planejamento para que o festival aconteça é grandioso e demonstra o quão importante o evento se tornou ao longo dos anos, agregando valores culturais e construindo memórias das comunidades tradicionais.

A lenda do Pahy-tunaré retrata a história de uma “tribo” de índios de nome desconhecido. A lenda diz que a história acontece ao sul da serra do Ereré, comunidade que fica aproximadamente 34 km da zona urbana do Município de Monte Alegre.

Figura I – Localização do Ereré



Fonte: Scielo.br

A narrativa descreve uma floresta às margens de um igarapé, conhecido como Pahy-tuna. Nesse local, chegou uma multidão de mulheres com apenas um homem, o velho Pahy-tuna. O local virou a nova morada daquele povo. Toda a criança do sexo masculino que nascia deveria ser sacrificada, somente as mulheres poderiam viver, pois, assim o velho Pahy-tuna seria o único homem da tribo. Certo dia, uma das moças deu à luz a um menino e por piedade não o sacrificou, pois segundo Rodrigues “Pahy-tuna já era bastante velho, quando uma das mulheres mais moças deu à luz uma criança tão feia, tão cheia de feridas, com a cabeça tão *piroca* (3), que a mãe teve pena dela e não a matou”.

Era impossível criar essa criança com as mulheres sabendo da existência, então resolveu escondê-la em uma gruta e tratá-la com plantas, mas não obteve resultados, então teve a ideia de espreme-lo em um tipiti¹ e dele saiu uma grande quantidade de um sumo e quando ela o tirou de dentro do tipiti tinha sofrido uma metamorfose e se transformando em uma criança tão linda, a felicidade era tanta que ela quase se esqueceu que essa criança não poderia viver. No entanto, ela resolveu escondê-lo em uma gruta longe de onde elas poderiam encontrá-lo, os anos se passaram e Pahy-tuna ia visitá-lo constantemente, mas aquele segredo foi descoberto, após as outras mulheres a seguirem, a fim de encontrar o que ela tanto escondia.

Pahy-tunaré, o nome que as outras mulheres deram a ele, já estava grande e por ser um rapaz tão lindo as mulheres passaram a persegui-lo e sempre descobriam seus novos esconderijos. Com isso, as mulheres foram aos poucos esquecendo do velho Pahy-tuna, que começou a desconfiar e um dia quando chegou à beira do lago viu suas mulheres aos braços de outro, o qual era seu filho. O ciúme foi tão grande que o velho Pahy-tuna jurou se vingar, então Pahy-tuna teceu uma rede com fibras de curauá², foi ao lago e conseguiu capturar Pahy-tunaré, porém ele era tão forte que só de se sacudir conseguiu escapar voltando para o fundo

¹ Objeto indígena de palha geralmente usado para espremer mandioca.

² Bromélia.

do lago, Pahy-tuna indignado voltou e fez uma tarrafa³ de fibra ainda mais forte, mas novamente ele se sacudiu com tanta força que conseguiu escapar, Pahy-tuna chegou à aldeia triste e uma das mais bela perguntou o que ele tinha e porque estava triste e então ele lhe pediu suas tranças.

Sem pensar duas vezes, as mulheres cortaram suas tranças e entregaram ao velho, que prontamente começou a tecer uma tarrafa tão forte que conseguiu capturar Pahy-tunaré, puxando para a beira da praia, ali mesmo na beira do rio o Velho Pahy-tuna o sacrificou, cortou suas partes genitais e enterrou o corpo. O desaparecimento Pahy-tunaré deixou as mulheres desorientadas, com isso as atenções voltaram aos poucos para o velho Pahy-tuna.

Pahy-tuna sentado na entrada da gruta com uma de suas mulheres o acariciando. De repente ela sentiu pingar um líquido sangrento e quando olhou para cima da gruta, deu um grito e isto fez com que as outras mulheres viessem ver o que havia acontecido, viram que Pahy-tuna era quem tinha feito Pahy-tunaré desaparecer, o mesmo que tinha posto as partes genitais de Pahy-tunaré no alto da gruta.

Imediatamente, elas os deixaram e fugiram, Pahy-tuna ainda tentou persegui-las, mas não conseguiu alcançá-las. Triste e desanimado voltou para casa, como estava só, no dia seguinte resolveu ir para a roça desenterrar maniva⁴ e quando chegou viu o forno ainda quente e uma grande quantidade de beijús prontos, espantado olhou ao redor para ver quem havia feito e não encontrou ninguém, no dia seguinte resolveu então sair e ficar na espreita para ver quem era e então para sua surpresa era um papagaio que tinha feito tudo.

Segundo Rodrigues não querendo ser infiel ao velho quando as outras mulheres o abandonaram por Pahy-tunaré, uma das mulheres foi transformada nesse papagaio que nunca mais o abandonou, depois disso viveram felizes ainda por muito tempo. Rodrigues afirma que

³ Rede de pesca circular.

⁴ Mandioca.

essa história está retratada até os dias atuais nas pinturas rupestre do Parque Estadual de Monte, e essas pinturas retratam o dia a dia desse desses povos o qual deu início a essa lenda.

Figura 2 - Pinturas Rupestres



Fonte: acervo da autora.

2. O Festival Paytunaré

Evento que ocorre no Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prefeito Carim Melém, localizado no Município de Monte Alegre – PA. No ano de 2022, a 16ª edição teve como tema “A odisseia Paytunaré”. Toda a estrutura, da ornamentação, às lembranças da mesa e à estrutura da apresentação, é confeccionada pelos alunos com o auxílio dos professores.

O Festival Paytunaré faz parte de um projeto denominado “Trilhas de Conhecimento: A Importância do Parque Estadual de Monte Alegre Para a Arqueohistória Amazônica”, iniciado no segundo semestre de 2022 (setembro a janeiro de 2023), tendo como professores responsáveis Eliane Gracy Lemos, Gilvan Pinto, Gracielma Bandeira, Ilzete Fonseca, Joel Albarado, Joniro Damasceno e Rosiana Pereira.

Este projeto não contempla o componente curricular arte, apenas Sociologia, Filosofia, Geografia e História. Porém, é interessante perceber como o festival engloba os saberes das artes em geral a partir da cultura local. Mesmo que não seja vinculado à disciplina de artes e às atividades regulares de ensino, o festival acaba congregando em sua construção e performance a transmissão de saberes musicais vinculados à cultura de Monte Alegre. No capítulo seguinte entenderemos como a música está presente no festival e de que maneira ocorre a educação musical.

Para a realização do Festival reúne-se a coordenação do evento para decidir como tudo vai acontecer, composta pela diretora Sâmea Krisna, as vices Aldenice Pinheiro e Cláudia Carvalho, o coreógrafo Flávio Vasconcelos e o roteirista Yuri Matias. Após, começam os ensaios e o lançamento do edital para a disputa dos papeis, é aberto para alunos e para ex-alunos do colégio. A lenda para o festival é “adaptada” pois na lenda original Paytunaré morre, já no festival ele sempre acaba a lenda vivo com o seu grande Amor Diauí, segundo Yuri (2023)

A gente procura sempre no final da lenda sair da história original, enquanto na história original ele morre aqui não, a gente sempre adapta pra no final ele sempre está ao lado do seu grande amor que é a índia guerreira Diauí, então a gente faz esse processo de adaptação na história pra gente terminar o espetáculo né, celebrando essa, celebrando o amor, então tanto o amor da Diauí como Paytunaré, quanto o amor pela cultura, pela lenda do Paytunaré.

No festival, há personagens diferentes da lenda original, pois foram adicionados ao longo da construção do espetáculo, como: a Índia Guerreira Diauí, a Mãe Natureza, a Rainha do Festival e o Pajé. Além dos personagens, elementos simbólicos fazem parte da lenda, como: a tribo das Amazonas, a tribo coreografada, a tribo Mista e as naturezas. Para melhor compreensão, abaixo serão exibidas as imagens das personagens.

Segundo Yuri (2023) a Odisseia Paytunaré é quando o Paytunaré e a Índia Guerreira Diauí estão vivendo seu romance, mas “as forças de Uruvari, elas raptaram Diauí, ela sumiu da aldeia. Então Paytunaré não aguentou ver a sua amada ser raptada, então ele conclama as Amazonas e a tribo Gurupatuba para junto eles começarem justamente essa jornada em busca de Diauí.”

A partir da Odisseia Paytunaré, Paytunaré passa por vários desafios e realiza várias encantarias. Precisou despertar os deuses dos mais recônditos lugares para encontrá-la. Esses deuses e seres vieram representados por Mãe Natureza, a deusa borboleta Awavena, a Rainha

do Festival, grande serpente Djasi que habita o lago Iaci, o Pajé representou Paraponera⁵ e Diauí uma deusa Tecelã⁶, além do índio Paytunaré que é encantado em uma Onça Pantera, junto deles vieram as missões que Paytunaré precisava cumprir e ao concluir todas as fases, Paytunaré poderia encontrar sua amada Diauí e assim continuar vivendo o seu amor. Paytunaré após ter sido espremido em um tipiti e passado por uma metamorfose virou um belo índio guerreiro, forte, de pele clara e cabelos escuros.

Na Odisseia, Paytunaré inicia procurando sua amada que sumiu misteriosamente. A cena representa o início da busca de Paytunaré por Diauí, após isso ele sai com as Amazonas e os Gurupatuba vão em direção a Serra da Lua para receber a benção dos deuses Isbís. Paytunaré após receber as benções, aparece personificado em Onça Pantera, para fazer a dança do Jaguar e assim despertar a Deusa Borboleta Awavena.

Figura 3 - Índio Guerreiro Paytunaré



Fonte: acervo da autora.

Diauí, assim como Paytunaré, vem representando uma mulher forte, de cabelos longos é a mais bonita da tribo das Amazonas, uma tribo que é só de mulheres. Na lenda a veio representando a Deusa Tecelã, antes de ser revelada como Diauí. Diauí estava personificada em Deusa Tecelã e fez sua evolução, antes de encontrar Paytunaré, após esta evolução Paytunaré cumpre todas as fases do desafio e encontra seu grande amor Diauí.

⁵ Uma formiga.

⁶ Uma aranha.

Figura 4 - Índia Guerreira Diauí



Fonte: acervo da autora.

A Mãe Natureza representa a força da natureza representa a fauna e a flora, nessa edição veio como borboleta, a Deusa Awavena. A personagem surge após Paytunaré fazer a dança do Jaguar, que é realizada para despertá-la e trazer as instruções do que deve ser realizado. Em seguida, ela surge como Mãe Natureza e faz sua evolução representando uma borboleta.

Figura 5 - Mãe Natureza



Fonte: acervo da autora.

A Rainha do Festival representa o festival em si, nesta edição veio na forma de uma serpente. Na imagem a seguir a Rainha do Festival está personificada na serpente Djasi que abita o lago de Jaci Aruá. Acompanhada das Amazonas ela trazia o 3º desafio de Paytunaré e neste Paytunaré precisava quebrar o encanto da Lua. Após revelar o que Paytunaré precisava fazer, ela surge como a belíssima Rainha do Festival.

Figura 6 - Rainha do Festival



Fonte: acervo da autora.

O Pajé é o grande curandeiro, personificado em Paraponera, fogo ancestral que era preciso para derrotar a grande fera de fogo Ulaikímpia e quebrar o encanto do sol. Na cena a seguir o Grande Pajé está realizando a cênica do grande Xamã Elemental.

Figura 7 - Pajé



Fonte: acervo da autora.

As Naturezas e Tribos acompanham a Mãe Natureza e fazem a abertura acompanhando o apresentador do festival.

Figura 8 - NATUREZAS



Fonte: acervo da autora.

A Tribo das Amazonas, composta só por mulheres, é a tribo a qual Diauí faz parte. As Amazonas estão na evolução da serpente. Está é a preparação para a entrada da Rainha do Festival que surgiu personificada em uma serpente.

Figura 9 - Tibro das Amazonas



Fonte: acervo da autora.

A tribo dos Gurupatuba é uma tribo mista na qual pode haver homens e mulheres. Diferente das tribos das Amazonas e da Tribo Coreografada. Na cena abaixo eles estão fazendo a cênica com os bambus para a evolução de Paytunaré como Onça Pantera, onde com os bambus simulam uma jaula.

Figura 10 - Tribo Gurupatuba



Fonte: acervo da autora.

A tribo coreografada, faz acrobacias, saltos e é composta só por homens, na imagem abaixo eles estão um sobre os ombros do outro enquanto Paytunaré está ao centro preparando-se para o último desafio que é a teia de veneno no meio da mata da Serra do Ereré.

Figura 11 - Tribo Coreografada



Fonte: acervo da autora.

A seguir, o encontro Paytunaré e Diauí, eles ao centro rodeados pelas Amazonas e a tribo coreografada celebrando o encontro deles após todos os desafios.

Figura 12 - Tribos, Diauí e Paytunaré



Fonte: acervo da autora.

3. A transmissão de saberes

A educação musical e etnomusicologia têm desenvolvido estudos sobre modos de aprendizagens musicais em diversas manifestações de cultura para compreender como ocorre a transmissão musical em contextos culturais.

Atualmente a educação musical além de ganhar uma imensa diversidade de estudos no campo da música para a formação das práticas em música, ela também abrange diversos contextos e para isso Queiroz (2013) diz que

[...] Abrangendo quaisquer espaços sociais, situações e processos de transmissão de saberes musicais. Assim, essa área é entendida como uma complexa rede de interações que se constitui nos meandros da sociedade, tecendo os fios que configuram a música como expressão cultural. (QUEIROZ, 2013, p. 95)

O festival torna-se um meio de transmissão de saberes musicais, mesmo que ele não esteja diretamente atrelado ao ensino e a aprendizagem de música em um contexto da sala de aula. Sobre tal perspectiva Queiroz (2013) ainda afirma que a educação musical ocorre em diversos lugares e pode ser mediada através de várias estratégias de formação na música, podendo ser via processos intencionais e não-intencionais. Queiroz (2013) diz que:

Se na primeira categoria a educação musical se estabelece em lugares constituídos socialmente para educar, a partir de estratégias concebidas para

esse fim: uma aula, um curso específico de formação, entre outras ações intencionais, na segunda ela se dá via interação dos indivíduos constituídas nas suas práticas cotidianas: ouvindo rádio, jogando games, participando de cultos religiosos, se divertindo em festas, entre diversas outras formas de relações estabelecida socialmente com a música. (QUEIROZ, 2013, p. 95)

Assim, os diferentes contextos de transmissão de saberes, constroem fundamentos da música como uma forma humana de expressão e cultura, fazendo parte da formação de cada indivíduo. A partir desse pressuposto, o festival Paytunaré torna-se um processo não-intencional de educação musical, visto que, é um evento que ocorre não com a intenção de educar, mas de agregar valores culturais. No entanto, ele ocorre em um cenário onde a música é um dos principais itens para que ele ocorra, levando em conta também aspectos culturais da própria localidade. Loureiro (2004, p. 65) aborda que

A educação musical que hoje é praticada em nossas escolas mostra-se como um complexo heterogêneo onde encontramos a convivência de diversas e variadas práticas e discursos. Evidenciase, entretanto, o distanciamento da prática, presente nas salas de aula, e a teoria, produzida e circunscrita à academia.

Frente a isto, se faz necessário estudar como de fato pode-se dar a transmissão de saberes musicais no contexto escolar e como isso influencia no processo educacional do aluno, no seu aprendizado e, principalmente, acerca da sua cultura local, ritos, tradições, danças, músicas. Visto que tudo isso deveria estar presente no fazer artístico diário do aluno, que atualmente está carente de atividades associadas diretamente ao que é produzido dentro da própria cidade do estudante.

Ao adentrar nesse quesito é notório abordar que essa carência se dá a partir do empobrecimento cultural proveniente da exacerbada valorização apenas das práticas artísticas que vem de fora, fazendo com que não haja estímulo à produção cultural local.

Tal como a cultura regional, não poderia faltar os ritmos regionais para sonorizar o festival e a encenação da lenda, a músicas do festival são no ritmo de toadas. Algumas dessas já são composições autorais para o festival e estão disponíveis nas plataformas de música, Yuri (2023) ressalta que

a própria questão do recurso não permite fazer a música, pagar o produtor, ter que pagar a produção, comprar os direitos autorais, então por muito tempo aqui sempre foi usado músicas de outros festivais, então de 2015 a gente começou a conduzir uma, ou duas ou três músicas por festival. Então hoje a gente já tem mais ou menos eu creio que umas 15 músicas autorais do

colégio que a gente entra em contato com o compositor que são compositores de outros festivais... que compõe pra Juruti e Parintins e demais festivais.

Foi notório perceber que parte da transmissão desses saberes, tanto musicais, como culturais era transmitido de forma oral nos ensaios. A continuidade dos ensaios de forma regular é um aspecto fundamental para esse entendimento ocorra (ARAÚJO; RIBEIRO e QUEIROZ, 2016), é visível o interesse da comunidade participante em estar ali, participar e ajudar na construção do evento como um todo.

O festival conta com o coreógrafo e o próprio criador da lenda que vai ser contada ao longo dos anos que trabalham em festivais da região e já conhecem e tem contatos com esses compositores, por este motivo foi mais fácil para conseguir essas músicas.

Lenda do Paytunaré

*Contam as histórias que todo filho homem
Do velho paytuna seja sacrificado!
Mais um dia
Uma das belas índias das amazonas
Compadecida por ter dado à luz a um curumim tão feio
Desobedeceu a ordem e o escondeu seu filho em uma gruta
O espremeu em um tipiti e dele saiu todo sumo ruim
Daquele curumim que se transformou em um belo índio.*

O Amor da Diauí

*O amor da Diauí e Paytunaré
Deixou o velho Paytunaré furioso
E tomado pelo ódio
Recorreu as forças escuras
E com os cabelos das amazonas
Uma rede se formou*

As músicas contam a lenda original, sempre ressaltando o amor da Índia Guerreira por Paytunaré, um ponto interessante para ser abordados é o um processo muito comum que ocorre no momento que Paytunaré nasce sua mãe o põe em um tipiti para o espremer, esse processo é bem parecido com o que se faz com a mandioca no ato de espreme-la para fazer a farinha⁷ e o tucupi⁸, ressaltando os processos culturais existentes da região.

Os processos de transmissão cultural são aspectos fundamentais para o entendimento da música, as práticas de aprendizagem culturais e seus significados implicam diretamente no entendimento da fonte do conhecimento musical e conseqüentemente na relação e significado para seus participantes (ARAÚJO; RIBEIRO E QUEIROZ, 2016). Neste sentido, a música além de contar a história, ressalta aspectos da cultura local trazendo aspectos para esse entendimento.

Apesar da música não ser o foco principal do evento e sim caminho para que ocorra Arroyo (2022) diz que apesar da escola de educação geral não ter a música como o centro das suas atividades, ela se faz presente, por esta razão considera que seja também um espaço de prática musical. Com isso, além de ter uma prática musical não intencional, há também uma educação musical, a música é ação social e gera cultura, pois a música tem representações sociais de lhe dão sentido. Blacking (1995) afirma que

O fazer musical é uma espécie de ação social com importantes conseqüências para outros tipos de ações sociais. 'Música' é não apenas reflexiva, ela é gerativa tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana [...] (BLACKING, 1995, p. 223)

Além do festival ser um meio de transmissão musical, ele apresenta fatores da cultura local, apresenta a música dentro do contexto escolar como um ponto de ensino de forma indireta e apresenta a música sendo gerativa de cultura. Assim, o festival torna-se um ambiente de prática musical e precursor de cultura local.

⁷ A farinha de mandioca é um pó obtido através da moagem das raízes de mandioca, em um tom um pouco amarelado.

⁸ O tucupi é um sumo amarelo obtido da mandioca quando descascada, ralada e espremida.

O festival do Paytunaré é um atrativo para a escola que por sua vez desperta nos alunos o desejo, a vontade de estar ali, de gostar do que é produzido ali mesmo, da produção cultural existente no próprio município. O legado deixado pelos antepassados indígenas é extremamente rico e pode contribuir demasiadamente na formação cultural dos estudantes, além de instigar a curiosidade e o propósito deles.

Segundo Lühning (1999):

A postulação da necessidade de uma educação pluricultural - ou no nosso caso especificamente plurimusical - devido a pluriethnicidade do Brasil se propõe a combater uma orientação unilateral que reforça na prática muitas vezes formas e conteúdo de ensino que não tem nada a ver com a realidade das crianças em questão. Desta forma tenta-se inclusive evitar problemas como falta de interesse e evasão escolar. (LÜHNING, p.57, 1999)

A pluralidade cultural é algo que está presente em contexto de ensino e isso acaba se tornando um atrativo para que as pessoas queiram estar presentes ali. Lucas (2023) fala que

quando eu estava no ensino fundamental é que eu fui ao festival quando era no tempo que era 3 dias que era no Imaculada e foi aí que eu conheci o festival Paytunaré. Aí quando eu entrei em 2015 já foi certo que é um dos projetos do colégio que eu queria estar, e desde lá vem se tornando algo que não consigo viver sem mais. [...] Paytunaré é o festival que vai ficar marcado para sempre tanto por mim quanto por todos que já passaram principalmente aqui em casa que meus pais são loucos pelo festival também por causa de mim.

Com isso, o festival torna-se um atrativo cultural para que o alunado queiram estar presentes e queiram fazer parte do colégio. É parte da cultura do município, um atrativo para o colégio e um fator que contribui para a transmissão de conhecimentos culturais e identitárias dos antepassados. Torna-se objeto de transmissão musical fazendo-se presente na vida de cada uma das pessoas que participam. Portanto, a imagem que o festival proporciona acesso amplo sobre a sua própria cultura, e não só assistir, mas também de participar de um evento com dimensões extremamente grandes a efeito de produção artística. Karyne (2023) afirma que

Eu sempre acompanhei o festival desde pequena então eu fui criando um carinho uma paixão desde muito nova eu fazia desenhos da lenda eu aprendi as músicas eu aprendi a coreografias para dançar e com passar ter um pessoal foi só crescendo hoje o festival ele tem uma importância muito grande para mim e eu até brinco que eu saí do festival mas ele não sai de mim.

Considerações finais

Foi possível compreender que a transmissão cultural ocorre desde concepção do Festival, conscientização da preservação cultural da cultura local, até a realização da performance propriamente dita. Tais questões permeiam a organização do Festival e, também, o ambiente escolar, pois são dimensões que estruturam a reprodução anual do Festival com objetivo de manutenção da tradição, tanto que ao longo dos anos o Festival opta por manter a sua essência original da lenda retratando a cultura local. Por meio da identificação das maneiras e dos momentos que acontece a transmissão dos saberes culturais que estão envolvidos do Festival Paytunaré, percebe-se a necessidade de políticas públicas que possam incentivar a promoção de fazeres culturais como esse que permeia desde as raízes montealegrense até o espetáculo. Por fim, é possível aprender e ensinar música em construções performáticas no cotidiano da escola, além de envolver a sociedade e trazer contribuições culturais da identidade dos povos originários.

Referências

ARAÚJO, Wagner Santana de. RIBEIRO, Fábio Henrique. QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Transmissão Musical em Três Grupos de Cultura Popular. XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Teresina, Piauí, 2016.

ARROYO, M. Mundos Musicais Locais e Educação Musical. Em pauta, 2022.

BLACKING, J. Music, culture and experience: selected Papers of John Blacking. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

DAMASCENO, Roberto Wagner de Medeiros. Performance e Transmissão Musical no Boi de Reis Calemba Pintadinho. Natal, 2019.

LÜHNING, Angela Elizabeth. A educação musical e a música da cultura popular. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, 1999.

QUEIROZ, Luis Ricardo. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. Intermeio (UFMS), v. 19, p. 95-124, 2013.



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

02 a 05 de dezembro de 2024
Boa Vista - Roraima | Universidade Federal de Roraima



www.abem.mus.br